

TABELAS DE PREÇOS NAS EMPREITADAS

NOVOS AUMENTOS DE SALÁRIOS

Os 20 por cento, agora acrescidos à tabela de 1952, se representam uma melhoria nos salários base, não correspondem, todavia, às aspirações apresentadas por nós, insistentemente, ao longo dos anos, ao patronato, aos sindicatos e ao governo.

Em consequência das lutas travadas, durante quase 9 anos, os salários mínimos de 1952 estavam, de um modo geral, ultrapassados. Daqui resultou que a classe não recebeu aumentos de \$450 a \$900, como anunciou a imprensa diária. Apenas uma parte reduzida de companheiros nossos tiveram aumentos de \$40, \$60, \$80 e em alguns casos de \$200.

A grande maioria da classe não teve qualquer benefício, quer porque já recebia salários mais elevados do que os do despacho de 1952, quer porque nada foi determinado quanto ao preço das empreitadas. E hoje o regime de empreitada é o dominante nas fábricas têxteis, onde cada patrão estabelece os preços ao sabor das suas conveniências.

A nova convenção de trabalho agora imposta à classe, sem que esta fosse ouvida, não teve, proposadamente, em conta, estas realidades. O seu objectivo foi tentar iludir a classe, amolecer o seu espírito de luta e facilitar a exploração patro-

nal, com a colaboração do governo e dos dirigentes sindicais.

Os primeiros ecos desta situação chegaram à nossa redacção. Em várias empresas o patronato, alegando que o aumento lhe trouxe pesados encargos, está exigindo mais produção, ao mesmo tempo que ameaça diminuir os preços das empreitadas.

Os 20 por cento não foram um favor do governo nem dos patrões.

Eles são uma resultante da luta da classe. Eles são um estímulo para o prosseguimento de novas lutas.

Que em cada empresa se abram discussões sobre estes problemas e se organizem as acções comuns que devemos empreender junto das empresas e dos sindicatos, pela elevação dos salários e pelo estabelecimento de novas tabelas de preços para as empreitadas.

ANO 6.º N.º 30 JANEIRO DE 1961 PREÇO \$50



UNIDADE TEXTIL

ORGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

OPERÁRIAS TÊXTEIS! INTENSIFIQUEMOS A NOSSA LUTA

A maioria dos trabalhadores da indústria têxtil é composta de mulheres. É o que caracteriza a nossa vida de operárias? Um trabalho fatigante, desumano e mal-pago. Uma existência atribulada, pois além do trabalho na fábrica cai sobre os nossos ombros toda a vida da casa, os cuidados dos filhos, as preocupações da família.

Trabalhamos intensamente para ganharmos salários de 17\$50, de 20\$00 e de 23\$00 e quantas vezes recebemos, ao fim de cada semana 50\$00 ou 60\$00, porque o patrão ou mestre resolveram multar-nos, para melhor servirem as suas ambições de lucro?

As multas e os castigos são frequentes na vida de cada fábrica têxtil. Se dirigimos a palavra a uma companheira somos punidas. Se há um pequenino defeito num fabrico, de que muitas vezes não somos responsáveis multam-nos sem piedade.

Na altura do parto, em várias empresas negam-nos o subsídio e obrigam-nos a assinar um papel em que declaramos tê-lo recebido.

consideram-nos fáceis vítimas dos seus apetites e dos seus caprichos, jogando com a nossa honra e a nossa dignidade de mulheres.

Nos últimos anos a exploração intensificou-se nas empresas têxteis com a introdução dos teares automáticos, com a aplicação dos ritmos infernais de trabalho.

As operárias têxteis têm sabido, em várias circunstâncias, ocupar o seu lugar na luta. Acções importantes foram conduzidas pelas operárias dos Ingleses e dos Maranhenses, da Senhora da Hora e dos Saigueiros, na cidade do Porto, das tecedeiras de Mira d'Aire, para citar, apenas, alguns exemplos.

Nós precisamos de intensificar a nossa luta contra as formas de exploração que nos são impostas pelo patronato e pelo governo.

Só a LUTA e a UNIDADE de todos os trabalhadores nos libertarão dos dias de miséria e de amargura que caracterizam a nossa vida.

É nosso dever de operárias lutar contra as multas e os castigos, combater por melhores salários, pelo Pão, pela Paz e pela Liberdade.

SEIS ANOS AO serviço da classe

Com o presente número, «O TÊXTIL» comemora seis anos de existência. O nosso jornal nasceu e desenvolveu-se ao desfecho de trabalhadores e serviu de voz aos exploradores e opressores dos nossos laborais portugueses.

«O TÊXTIL» nasceu e cresceu para defender com intransigência e com verdade a classe têxtil, a fim de pôr-nos a exploração, os castigos, os multas revoltantes, aos insultos das meitres, dos engenheiros e dos patrões, à vida de miséria e de sofrimento que nos é imposta pela classe capitalista.

Escutemos o caminho da luta, da UNIDADE de todos os trabalhadores, independentemente dos seus convicções políticas ou religiosas, pois o patronato e o governo exploram e oprimem igualmente a operária que reza e a que não é crente, o trabalhador comunista ou sem partido.

Expressada das aspirações mais sentidas do nosso classe, «O TÊXTIL» defende e luta contra a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, pela solução dos seus mais importantes problemas pela construção de uma nova sociedade.

O PÁRROCO DE PEVIDÉM CUIDA MAIS dos lobos do que das ovelhas

ACTOS DOS ÉCAITOS DO PATRONATO

Recentemente o padre Alberto de Pevidém, na missa das 11 horas, em vez de, na prédica, falar dos Evangelhos como é habitual, resolveu atacar os operários têxteis daquela terra, em especial os da Empresa Industrial de Pevidém, chegando a afirmar que se esta empresa não progredia era por culpa dos operários, porque estes não trabalhavam com o afa e a diligência necessários! E isto tudo acompanhado de grandes elogios « ao esforço abnegado da classe patronal »!

Os operários e operárias que assistiam à missa ficaram pasmados. Quando seria de esperar que o seu pastor empuhasse rijo varapau e se pusesse a desancanar nos lobos que os exploram, que gastam em luxos e frivolidades o pão que roubam às

suas bocas e às dos seus filhos, eis que é contra si próprios que o vem virar a sua sacha, numa concordância muito pouco evangélica com os salários de miséria que auferem, com as multas com os castigos, com as prepotências, com os roubos, com a exploração infernal a que estão sujeitos. E, segundo o padre Alberto, é preciso trabalhar ainda mais depressa, produzir mais, dar mais lucros ao patrão.

O salário não chega? Temos fome? Vivemos em choupanas miseráveis? Que lhe importa? Fome não tem, e quanto às choupanas... bom, quanto às choupanas ele pediu aos industriais que lhe construissem uma que importaria em 400 contos e a julgar pelas provas que está prestando é natural que neste momento já tenham accedido ao seu pedido.

Em operário têxtil de S. MARTINHO DO CANDOZO, GUIMARÃES, que estava normalmente a trabalhar apenas 8 dias, e muitas semanas não levava para casa um tostão, foi quebra-lhe ao sindicato, sendo recebido a pelo Coiteiros. Perguntou-lhe qual era a lei por que o operário se podia regular a 8 Coiteiros, respondeu-lhe que a lei era fazer o que o patrão mandasse e receber o que ele lhe quisesse dar. Enganou o operário dizendo que o patrão não era obrigado a pagar os lucros e os 3 dias. A fim de cumprir a sua missão de agente do patronato e da polícia, perguntou-lhe em que fábricas trabalhava e logo que o operário voltou costou telefonar para a empresa a comunicar o que se acabava de passar.

Numa outra empresa têxtil de S. Martinho do Candozo um operário fez queixo, por escrito, ao INT de alguns arbitrários das do patrão. O INT enviou a seguinte carta a delegação de Guimarães e aqui, em vez de ir, investigar, procuraram o patrão ao café, avisando-o de que um seu operário tinha apresentado queixa. Em seguida chamaram ao operário, procuraram intimidá-lo, para que retirasse a queixa e apresentasse na com a prisão. Apesar disso o trabalhador não recuou.

COMO ELLES FOS

ROUBAM

Na EMPRESA INDUSTRIAL DE PEVIDÉM ficou decidido, por acordo dos patrões e do INT, que o preço do fabrico dos artigos fosse fixado numa tabelá reguladora. De acordo com esta, a flanela devia ser paga a \$94 por metro, no trabalho a 2 teares.

A empresa, porém, desrespeitou este acordo. Está a pagar ao pessoal o artigo de \$94 por \$50, donde resulta um aumento de lucro que reverte em seu favor.

O mesire da tecelagem retirou as tabelas, para que os operários não possam verificar quanto lhes roubam estes miseráveis patrões, com a activa colaboração dos seus lecaitos.

Isolemos e denunciemos os bufos

DE NEGRELOS E CARREIRA

Os irmãos AMÉRICO, MÁRIO e FÉLIX FERREIRA DE CARVALHO, moradores em Sande, Caldas da Saúde, são «bufos».

O primeiro é operário têxtil e trabalha na preparação, na firma ARAÚJO GONÇALVES, de NEGRELOS. Os outros dois trabalham na fábrica ATMA de CARREIRA, o Mário como trolha e o Félix como azeitador.

A tarefa destes miseráveis é denunciar os operários que se destacam em defesa contra os roubos e a exploração, dígoes de vida. Denunciemo-los, isolemo-los e escorraemo-los do nosso convívio.

DE RIBA D'AVE

Alguns «bufos» de RIBA D'AVE. Todos empregados na firma SAMPAIO FERREIRA: JOSÉ LOPES, empregado de armazém. JOÃO CASTRO, empregado de armazém; este miserável já foi despedido por roubo, mas perdoaram-lhe e readmitiram-no. MACHADO, empregado de escritório. CRISTO, empregado de armazém.

A tarefa destes miseráveis é denunciar a PIDE e aos patrões os operários que se destacam em defesa dos interesses da classe, na luta por mais salários e melhores condições de vida. Denunciemo-los, isolemo-los e escorraemo-los do nosso convívio.

RUBRICAS PARA O TÊXTIL

Arsão	1200
Contribuição para «O Têxtil»	15000
Homem dos presuntos	1300
Libertário	1300
Libertário	1300
Leitores do Têxtil	3900
Operários auxíllim «O Têxtil»	10200
R. X.	1850
R. X.	1850
Serapião	3100
Têxtil anigo	4000
Tintureira Democrática	23000
Um fan-deiro	2550
Um têxtil	5800
	2950
TOTAL	103900

A ASSISTÊNCIA MÉDICA EM GUIMARÃES

Nos serviços médico-sociais de Guimarães os médicos estão a organizar uma estatística sobre os doentes que se encontram cobi baixas, a fim de estudarem a maneira de limitar a entrada dos operários que necessitam de cuidados clínicos.

Com esse objectivo elles pensam elaborar uma tabelá de doentes que não pode ser ultrapassada, reduzindo assim as baixas a um número determinado.

Isto quer dizer que quando a tal tabelá for aplicada, o doente que aparecer, mesmo que esteja muito mal, terá de aguardar na cama, que os médicos dêem alta a outros doentes para depois servir este, que já pode ter morrido.

Segundo diz o chefe do posto, as despesas têm sido muito avultadas e para as reduzir resolveram, como é hábito, poupar dinheiro, cortando as verbas destinadas à saúde dos trabalhadores.

É de erer que o mesmo esteja a succeder noutros pontos do País.

Será por causa do desfalque que o sr. Mário Batista Gomes Ferreira praticou numa Caixa de Previdência em Lisboa, donde roubou 409 contos na qualidade de encarregado da Tesouraria?

Quem dirige as empresas têxteis soviéticas

A REUNIÃO DOS OPERÁRIOS

Na União Soviética a participação dos operários na direcção das fábricas têxteis apresenta-se sob várias formas. Os operários são antes de mais os elaboradores activos do plano de produção. Sem a sua experiência, sem as suas propostas e observações críticas, o plano da fábrica ficaria incompleto, não correspondendo às possibilidades das empresas soviéticas.

Os operários, como verdadeiros donos das fábricas, são importantes, em que o plano seja elaborado com precisão e executado e ultrapassado de mês para mês.

Os trabalhadores realizam, por intermédio do sindicato, a organização mais numerosa dos operários, a fiscalização sistemática da actividade da administração. O comité sindical de uma empresa têxtil, de acordo com os militantes, deve, no começo de cada mês, o relatório do director ou do engenheiro chefe, sobre o balanço de trabalho da fábrica. Os debates sobre o relatório permitem à organização sindical dar o seu opinião, formular as suas sugestões quanto aos diversos aspectos da produção e descrever os operários de vanguarda. Nestas reuniões são criticados os administradores que não sabem organizar o trabalho do pessoal.

Os relatórios e as comunicações da administração são igualmente discutidos nas reuniões gerais dos operários e empregados, convocados, em todos as secções e serviços.

A organização sindical prepara, sistematicamente as reuniões de secção, torna conhecido, com vários dias de antecedência, o quadro de trabalho de todos os operários da secção ou das equipas, encarrega um grupo de militantes de estudar com antecedência os problemas que vão ser debatidos, para que interve-

nham depois dos relatórios da administração com observações fundamentadas.

As reuniões são sempre muito produtivas, pois há juizes dos operários e de especialistas técnicos e cientistas. Das suas discussões nasce o desenvolvimento de uma crítica construtiva e edificatória, permitida que esta conduza ainda que ao maior sucesso a empresa que lhe é confiada.

As condições da produção desempenham igualmente um importante papel na vida das empresas têxteis soviéticas. É uma outra forma de participação dos operários na gerência da produção.

Há ainda uma outra forma de participação dos operários na direcção da exploração e contabilidade e da produção, que funciona junto do engenheiro chefe, composto de 40 membros. Nela participam os administradores das secções assim como os operários com maior experiência e que gozam de uma grande autoridade. O conselho examina colectivamente os problemas relacionados com a utilização eficaz do equipamento, da reconstrução e modernização nas várias secções, orienta a actividade dos técnicos e dos inventores, examina as propostas de melhoria de processos de produção que lhe são apresentados.

AS OPERÁRIAS DA CUF PROTESTAM

No BARREIRO, Companhia União Fabril, a situação das operárias têxteis está sujeita a novas e mais refinadas formas de exploração. Ao mesmo tempo que exigem dos trabalhadores um maior esforço, reduzem-lhes o pagamento do trabalho à tarefa, diminuindo-lhes o salário.

Foi o que sucedeu às operárias da secção de tecidos estampados, que trabalham a prémio. Anteriormente às alterações introduzidas, elas tiravam uma média de 200500 por semana e as ajudantes 140500. Fazendo o mesmo trabalho, ganham agora cerca de 150800 semanais e as ajudantes 140500, o que pouco mais representa do que a jornada simples.

Esta modificação provoca o descontentamento geral das operárias.

Castigos e multas NO PORTO

Na SOCIEDADE PORTUENSE DE ALGODÃO, o pessoal trabalha com 4 teares mecânicos e 8 automáticos e as empilhadas são pagas a \$10 e \$20 por metro, conforme o tecido. Todos os dias há multas, que vão de 10800 a 50800 e todas as semanas há reclamações contra as roubalheiras feitas nos salários do pessoal. Em virtude disto os salários regulam entre 60800 e 100800 por semana. Para abafar as reclamações e para dividir o pessoal, num ou noutro caso o patrão dá 10800 ou 20800 e a maioria ameaça com despedimentos.

Na Lionesa não houve aumentos. O pessoal que trabalha à jorna recebe os salários superiores aos da tabela de 1952. Nos preços das empilhadas não houve alterações.

Nesta empresa suspendem os trabalhadores com 1, 2 e 3 dias, só porque a presilha que marca o centro da obra está 1 milímetro desviada do lugar.

Dispostas a não aceitar uma situação desta natureza, que lhes reduz os ganhos necessários ao sustento dos seus, as nossas companheiras resolveram reclamar junto da engenharia, para que lhes fosse pago o justo salário. Este, porém, lavou as mãos como Pilatos e disse-lhes que nada tinha a ver com o assunto.

A luta das nossas companheiras da CUF devia revestir-se de maior firmeza. Após a primeira diligência, impunha-se que se dirigissem em massa à gerência e ao sindicato para reclamarem a melhoria dos salários.

Os trabalhadores na sua luta não podem deter-se ante o primeiro obstáculo. É preciso saber marchar em frente.

Ação dos operários da Covilhã

Na NOVA EMPRESA da Covilhã o patrão exigiu nos operários que passassem a trabalhar mais uma hora, durante 3 dias, para que o recompensas do feriado que lhes pagou.

Porém, os operários do turno da noite moram a vários quilómetros de distância e uma hora mais de trabalho obriga-os a chegar mais tarde a casa durante uma semana, e que lhes causa maiores cansaças e prejuízos. Por este motivo, propuseram ao patrão pagar o feriado de uma só vez, embora lhes existisse um maior dispêndio de energia.

O patrão, que em nada seria lesado com esta alteração, recusou aceitar esta proposta. Os operários, porém, não desistiram dos seus intentos. Dirigiram-se ao sindicato, onde expuseram a sua situação e o problema em jogo, convidando à direcção a apoiar-lhes.

ACÇÕES COMUNS

Em toda a indústria têxtil, os castigos, as multas, os roubos, os insultos e os actos arbitrários e violentos fazem parte da nossa existência diária. Contra eles devemos organizar a nossa luta, em perfeita UNIDADE DE ACÇÃO.

Unamo-nos em cada secção, em cada fábrica, em cada localidade, criemos comissões de trabalhadores, que acompanhadas e apoiadas pelos operários, protestem junto do patronato e dos sindicatos contra as formas brutais de exploração de que somos vítimas. Sigamos o belo exemplo dos nossos companheiros de Poldries e de outras empresas.

A União faz a força. A firmeza e a combatividade dos trabalhadores são uma garantia da Vitória. Avante! Por novas acções! Só a luta nos libertará da exploração.

A PREVIDÊNCIA E OS 25 POR CENTO

As Caixas de Previdência têm dinheiro suficiente (em 1959 os fundos e os valores das C.P. cifram-se em 8.109.256 contos) para comportarem as despesas com os medicamentos e outros.

Em 1958 as receitas e as despesas das C.P. foram respectivamente de 932.901 contos e 580.128 contos. Em 1959 as receitas tiveram um aumento de 88.502 contos, enquanto as despesas diminuíram 50.503 contos. Entretanto, ainda em 1959, no II Plano de Fomento foram aplicados 358.845 contos, desviados das C.P., enquanto que os serviços médico-sociais da Federação apenas gastaram 30.241 contos.

O facto da C.P. Têxtil, no Porto, não possuir um especialista de doentes pulmonares, é bem elucidativo. O número de tuberculosos na classe aumenta diariamente. Isto não preocupa o governo. O necessário é que as C.P. transformadas em «fontes públicas de financiamento» sirvam os interesses dos monopolistas, a repressão e as aventuras belicistas coloniais do governo.

Os 25 por cento são mais uma barreira contra os trabalhadores. Presentemente as farmácias não satisfazem

as receitas das C.P. de valor superior a 150300. O decreto que impõe os 25 por cento do pagamento dos medicamentos determina que só serão fornecidas algumas especialidades farmacêuticas nacionais depois do parecer favorável do conselho médico da Federação. O fornecimento de especialidades estrangeiras fica igualmente dependente do parecer da mesma entidade.

É evidente o objectivo desta lei. Diminuir as despesas com o fornecimento dos medicamentos, aumentar as receitas em prejuízo da saúde e da vida dos trabalhadores.

A luta para que os 25 por cento sejam abolidos torna-se imperiosa. Sigamos o exemplo dos nossos companheiros de Tortozedo e exijamos que os dinheiros da Previdência sejam utilizados exclusivamente em benefício dos trabalhadores.

MANOBRAS do patronato

No fábrica da SENHORA DA HORA, em POETO, os aumentos de salário foram muito limitados, porque a fábrica, de 1952, na generalidade, estava ultrapassada. Nem ao neutro caso isolado é que se recebeu os 20 por cento. Entretanto no dia 24 de Dezembro, em todas as secções a gerência fez proiecções sobre a necessidade de aumentar a produção, portanto os 20 por cento, segundo a gerência, foram pedidos encargos e industriais. As operárias que trabalham nas cadeiras do linho, grupos de B, folhas exigido que mobilizassem sempre a mesma produção, fazem qual fosse o número. O salário das que falarem seria distribuído pelas outras.

Mais produção, é o que a gerência exige, o troco de um maior esforço, quando encontra recompensa nos ganhos de cada operária.

As manobras do patronato para nos levar a aceitar a intensificação dos ritmos de trabalho, devemos saber responder com a nossa unidade e a nossa firme disposição de luta.

Não aceitemos a exploração que o patronato nos quer impor, forçando-nos a trabalhar com um maior número de horas. Exijamos melhores salários e emprego para todos.

TEMOS OBRIGAÇÃO DE ABRIR OS OLHOS

O nosso jornal é um órgão de Unidade. Nela cabem todos os que sinceramente se disponham a defender os interesses da classe têxtil. Assim compreendeu um grupo de operários católicos, que se nos dirigiu. Gostosamente damos publicação às suas palavras, que traduzem a ânsia de justiça que os anima, que falam das condições de vida criadas aos trabalhadores pela exploração capitalista, da necessidade de estabelecermos em comum, em perfeita Unidade de acção, as bases de um mundo melhor, de Liberdade, de Paz e de Bem-Estar para o Povo Português.

Aproxima-se a hora em que Deus enviará a este paciente povo a balança da Justiça, que jamais os merceeiros viram em seus dias.

Os monopolistas são os vermes que tudo corrompem e nada produzem. Eles não repararam que do Norte a Sul do País uma varinha mágica tocou os espíritos sucumbidos.

Camifões fantasmas levam a Neve Ramada através das estradas, não para entreter o Pai Natal, mas para gastar nas fábricas do Porto, Guimarães, Campêlo, Pevidém e outras localidades, após 8 horas amargas de trabalho, pagas por miseráveis estudos.

Pobres tecedeiras que atais as mãos à cabeça quando a teia tirada da Neve Ramada é verdadeiro estreme, sensível aos liços e ao pente, que rebenta toda por si mesmo.

Por mais que uma tecedeira se esforce não passa dos 50800 de fêria por semana, enquanto o patrão tira lucros de 110800 que lhe dá cada

tecedeira com a teia apodrecida ou com mistura.

Esta é uma situação criada pelo egoísmo dos industriais, que se comunica a certos armazenistas e retalhistas. Eles aumentam o preço do artigo em mais de 100 por cento, que o povo tem de pagar à custa dos mais duros sacrifícios.

Estes monopolistas, em vez de lerem o Evangelho de Cristo lêem o Evangelho das revistas americanas.

Operários! Unamo-nos para irmos junto destes patrões protestar e dizer-lhes que mantenham a sua casa com a nossa fêria em vez de darem às suas esposas 3 e 4 contos por mês, para as despesas da casa.

Vamos ao sindicato, delegados de trabalho e ao governo protestar contra a nossa situação.

Colegas tecedeiras e tecelões! Operários têxteis! Temos obrigação de abrir os olhos! Avante! Amigos!

LUTEMOS CONTRA A REPRESSÃO

Na vida da classe têxtil não pesam apenas as formas gritantes de exploração. Pesa também a violência das autoridades, da PIDE, em particular, chamada pelo patronato para fazer calar os nossos protestos e os nossos sentimentos de justiça.

Sob o regime de Salazar prendem-se por suspeita ou por denúncia e usam-se os métodos mais brutais para arrancar declarações.

Foi há algum tempo preso, segundo informações recebidas, um operário têxtil, de nome Nando, residente em Paços de Ferreira, acusado por um miserável fascista, de lhe ter metido por debaixo da porta o jornal «Avante!».

Sem que houvesse qualquer prova contra ele, a GNR que o prendeu, conduziu-o à presença da PIDE, que o submeteu a espancamentos de tal violência que recolheu ao leito, sem condições para o trabalho.

A classe têxtil deve protestar contra a agressão brutal de que foi vítima este nosso companheiro.